



# VII DIA MUNDIAL DOS POBRES

«Nunca afastes de algum pobre o teu olhar»

(Tb 4,7)

*Subsídio*



DICASTÉRIO PARA A EVANGELIZAÇÃO

SECÇÃO PARA AS QUESTÕES FUNDAMENTAIS  
DA EVANGELIZAÇÃO NO MUNDO



«Nunca afastes de algum pobre o teu olhar»

(Tb 4,7)

## Índice

<b>1.</b>	<b>Apresentação</b>	<b>3</b>
<b>2.</b>	<b>Propostas pastorais</b>	<b>4</b>
<b>3.</b>	<b>Testemunhos</b>	<b>6</b>
	António Lourenço, jovem médico .....	6
	Joseph, Associação Fratello .....	7
	P. Robert Conroy, Missionários da Caridade .....	8
<b>4.</b>	<b>O exemplo de Santa Teresa do Menino Jesus</b>	<b>9</b>
<b>5.</b>	<b>Oração inspirada na Mensagem do Santo Padre</b>	<b>11</b>



«Nunca afastes de algum pobre o teu olhar»

(Tb 4,7)

O Papa Francisco escolheu para o VII DIA MUNDIAL DOS POBRES um texto como sempre de grande inspiração: «Nunca afastes de algum pobre o teu olhar» (Tb 4,7). A expressão é retirada do livro de Tobias, um texto talvez pouco conhecido, mas que contém um ensinamento de grande atualidade. Antes de mais, porque se trata do testamento espiritual que um pai deixa ao próprio filho, transmitindo nele os seus ensinamentos mais importantes, aqueles que não podem ser esquecidos. Entre estes está a atenção especial para com os pobres, uma atenção que diz respeito a cada pessoa.

De facto, Tobias diz expressamente: «Não afastes de pobre algum o teu olhar». Estas palavras foram explicadas na *Mensagem* do Papa Francisco, publicada em vista do VII DIA MUNDIAL DOS POBRES, a 13 de junho de 2023, e agora encontram uma reflexão mais aprofundada neste *Subsídio Pastoral* que é colocado nas mãos do povo de Deus, para que este DIA MUNDIAL possa constituir uma permanente provocação para que as nossas comunidades sejam atentas e acolhedoras para com os que se encontram em maior necessidade e dificuldade.

Como escreve o Papa Francisco: «Cada um é nosso próximo. Não importa a cor da pele, a condição social, a proveniência... Se sou pobre, posso reconhecer de verdade quem é o irmão que precisa de mim. Somos chamados a ir ao encontro de todo o pobre e de todo o tipo de pobreza, sacudindo de nós mesmos a indiferença e a naturalidade com que defendemos um bem-estar ilusório» (nº 3). O Papa salienta que os pobres não são um número estatístico, são pessoas que desejam, acima de tudo, a nossa proximidade e sentido de humanidade. O DIA MUNDIAL DOS POBRES, portanto, não se limita a um gesto esporádico de generosidade, mas convida-nos mais uma vez a deixar que a nossa consciência seja interpelada. Somos desafiados a sair do individualismo, que nos encerra em nós mesmos, para compreender as necessidades profundas do irmão que está ao meu lado, à luz da presença de Deus.

A *Mensagem* centra-se em certas categorias de “pobres” às quais muitas vezes não se presta atenção. O Papa recorda a instrumentalização do aumento dos preços dos bens de consumo necessários à vida quotidiana, que afeta negativamente as famílias e as leva muitas vezes a ter de fazer opções dramáticas. Emerge daqui também a atenção especial ao mundo do trabalho, tantas vezes descurado, exigindo-se cada vez mais a justiça e uma legislação coerente e eficaz. Um traço particularmente novo exprime-se na referência que a *Mensagem* faz ao mundo da juventude.

Este *Subsídio Pastoral* é proposto como um instrumento simples, oferecido às dioceses, às paróquias e a todas as realidades eclesiais, para preparar e celebrar o VII DIA MUNDIAL DOS POBRES, para que seja, mais uma vez, um momento forte para dirigir sempre mais o nosso olhar para os pobres, para escutar a sua voz e não deixar de lhes manifestar a nossa proximidade. Neste caminho rumo ao Jubileu Ordinário de 2025, que a nossa atenção aos mais necessitados faça de todos nós *Peregrinos de esperança* no mundo que precisa de ser iluminado pela presença da Luz do Ressuscitado e pela chama da caridade que Ele acendeu nos nossos corações.

✠ Rino Fisichella

Pró-Prefeito do Dicastério para a Evangelização

Secção para as Questões Fundamentais da Evangelização no Mundo

*«É fácil cair na retórica, quando se fala dos pobres. Tentação insidiosa é também parar nas estatísticas e nos números. Os pobres são pessoas, têm rosto, uma história, coração e alma. São irmãos e irmãs com os seus valores e defeitos, como todos, e é importante estabelecer uma relação pessoal com cada um deles. O Livro de Tobias ensina-nos a ser concretos no nosso agir com e pelos pobres».*

(Papa Francisco)

Este é o grande desafio que recebemos do Santo Padre, na sua Mensagem para este VII DIA MUNDIAL DOS POBRES. Não bastam discursos teóricos ou belas palavras diante dos pobres, é preciso a concretude de gestos humanos dirigidos a pessoas reais. A herança que a Sagrada Escritura nos deixa, no “testamento espiritual” do velho Tobias, é precisamente esta: o convite dirigido a cada um de nós a implicar-se na vida daqueles irmãos que se encontram em situação de pobreza, através de gestos simples e quotidianos.



No Evangelho, é o próprio Jesus que nos ensina que em cada pobre Ele mesmo está presente e por isso nos assegura: «Tudo o que fizestes ao mais pequenino dos meus irmãos, a Mim o fizestes» (Mt 25,40). De facto, como escreve o Papa Francisco, «quando nos deparamos com um pobre, não podemos virar o olhar para o lado oposto, porque impediríamos a nós próprios de encontrar o rosto do Senhor Jesus». Tal como o Senhor não desvia o olhar de nenhum pobre, assim cada um de nós é convidado a fazer o mesmo em relação aos próprios irmãos. Procuremos, por ocasião deste DIA MUNDIAL DOS POBRES, imitar o estilo do próprio Deus.

Propomos alguns gestos que podem ser incentivados nas dioceses, paróquias e diversas comunidades, que podem ser remodelados de acordo com as sensibilidades e necessidades próprias de cada realidade eclesial. Que o Espírito Santo possa trabalhar nos nossos corações e agir em nós, guiando-nos em direção aos outros com o mesmo olhar amoroso e benigno de Deus.

### Preparar-se com a oração:

- Fazer uma vigília de oração na noite de sábado, 18 de novembro, com os membros e voluntários de associações e grupos caritativos que operam na comunidade. Envolver as pessoas que são ajudadas por estes grupos.
- Rezar o Terço na comunidade, confiando a Nossa Senhora as intenções dos mais necessitados.
- Envolver as comunidades contemplativas e de clausura para que rezem especialmente pelos mais pobres e necessitados da comunidade.
- Fazer uma catequese especial para os jovens e as crianças sobre a pobreza, convidando-os a descobrir quem são os pobres que encon-



tram na sua vida quotidiana: os que vivem nas periferias, os que não têm relações de amizade na escola, os que vivem em situações difíceis.

#### **Viver na liturgia:**

- Valorizar este evento durante a semana de 13 a 18 de novembro, recordando os pobres da comunidade nas intenções das missas feriais e convidar todos para as atividades daquele DIA.
- Se houver um imigrante/refugiado na comunidade eclesial, convidá-lo a escrever um testemunho de reflexão sobre a sua situação de sofrimento e publicá-lo no boletim paroquial ou no jornal diocesano.
- Convidar pessoas pobres e necessitadas para a Missa de domingo e propor-lhes que leiam as leituras e participem na procissão do ofertório.
- Pedir a um voluntário de um grupo caritativo ativo na paróquia que escreva as intenções da Oração dos Fieis e as leia na Missa.
- Sugerir uma coleta especial destinada à caridade para os que estão em dificuldade, destinando o que for recolhido a uma organização caritativa da paróquia.



#### **Agir com ações caritativas:**

- Aceitar o convite feito pelo Santo Padre a «partilhar o almoço dominical, depois de ter partilhado a Mesa Eucarística, (...) com quem carece do necessário». Pode oferecer-se uma refeição aos pobres da comunidade, seguida de um momento de convívio e de partilha, ou cada família pode convidar a sua casa alguém que esteja a passar por um período de dificuldade.
- Aproveitar este DIA MUNDIAL DOS POBRES para visitar as pessoas que se encontram sozinhas, quer nos hospitais, quer nos centros de idosos, por vezes mesmo nas suas próprias casas.
- Prestar especial atenção aos jovens que se sentem sozinhos, abandonados, rejeitados, que podem sentir-se “fracassados” e “falhados”. Convidá-los para uma atividade que os ajude a reintegrar-se num novo grupo, criando relações de apoio e de amizade.
- Oferecer alguns medicamentos básicos às famílias carenciadas, sobretudo se houver crianças, doentes ou idosos.
- Se existirem refugiados de guerra na comunidade, levar-lhes mercearias e oferecer um pequeno objeto religioso.
- Conhecer os dirigentes das associações que trabalham com as diferentes formas de pobreza (económica, social, humana), na zona onde vive a comunidade eclesial, para conhecer o seu trabalho e eventualmente a ajuda de que necessitam.



### António Lourenço

Em novembro de 2018, estive no Bangladesh e uma das realidades que mais me surpreendeu e tocou a consciência e o coração foi a quantidade de crianças que trabalha/pede esmola nas ruas.

Face à pobreza da generalidade da população, há muitas crianças que são forçadas a trabalhar para contribuir para o seu sustento e da sua família, quando a têm. E não é preciso andar a procurá-las nas fábricas, onde são feitas roupas das várias marcas que tão frequentemente compramos e usamos. Basta sair à rua numa grande cidade do Bangladesh e seremos rapidamente abordados por aquela menina de 5/6 anos que vende colares de missangas ou conchas, por aquele menino de 7/8 que vende café na praia ou se disponibiliza para nos massajar as costas em troca de uns cêntimos, por aquela criança de 10 anos que carrega as

pesadas malas dos turistas, a de 14 que conduz um “tom-tom” (tuk-tuk bengali) ou a de 16 que serve de guia turístico em troca de umas gorjetas. Há crianças saudáveis e outras subnutridas, com deficiência mental ou motora e até bebés ao colo das mães ou dos irmãos mais velhos. Todos fazem das ruas a sua fonte de rendimento e, muitas vezes, a sua casa.



Vejo como sou privilegiado e como seria fácil ser eu naquela situação. Com efeito, continuo sem conseguir responder à questão que sempre me assola “Porque não sou eu ali”? Acho que não conseguirei chegar a nenhuma resposta pois a verdade é que poderia muito bem ser eu. É com isto em mente que procuro encarar qualquer missão/serviço aos mais desfavorecidos, sabendo que o Bem que possa eventualmente ser feito através de mim, por um lado, não é pelo meu mérito e, por outro lado, é muito mais Justiça do que Misericórdia. Com o tempo, a pergunta “porquê não a mim?” poderá ser substituída por “para quê a mim?”. Enquanto cristão e médico, ajudar a restabelecer a Justiça tem sido uma das minhas grandes motivações para trabalhar junto de comunidades e populações

mais vulneráveis, como é o caso dos migrantes e refugiados. Sei bem que não posso mudar o mundo nem as grandes injustiças com as quais vou contactando, mas sei que posso fazer a minha parte e tentar ser o mais justo possível. É o mínimo que posso fazer.

Ajuda-me também muito o exemplo de Maria, mãe de Jesus. Nada se fez por mérito seu mas tudo se deveu à sua completa e total disponibilidade para o que Amor quisesse fazer dela. E Ele fez Tudo.

*«Devemos procurar que os pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como “em sua casa”. Não seria, este estilo, a maior e mais eficaz apresentação da boa nova do Reino? A caridade das obras garante uma força inequívoca à caridade das palavras».*

(São João Paulo II, Carta apostólica *Novo millennio ineunte*, 50)

## Joseph, Associação Fratello

Tenho 31 anos e trabalho com a associação Fratello, que quer responder ao apelo do Papa Francisco: «Como gostaria de uma Igreja pobre para os pobres!». Organizamos eventos de festa e de oração com os pobres em todo o mundo.

Quando entramos em contacto com pessoas vulneráveis, as máscaras caem e as relações tornam-se mais simples e autênticas. Juntos, fazemos a experiência de caminhar ao lado dos mais frágeis: desta forma, cada um de nós está disponível para o outro, disponível para amar e ser amado. Nesta abertura, descobri que os pobres não têm apenas muito para receber, mas também muito para dar!



Todos eles têm grandes talentos: Jacinthe dança hip-hop, Nikolai é um campeão de truques de magia, Ludo tem um grande sentido de humor... Todos se sentem valorizados e ocupam o lugar que lhes compete. A minha memória está cheia de rostos que foram libertados: não tem preço!

Esta qualidade de relação com os mais vulneráveis fez-me entender que todos somos pobres... e que esta pobreza é, na verdade, uma riqueza, uma dádiva para os outros! Sinto-me feliz por ter experimentado o seguinte: «Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus» (Mt 5,3).

Estes numerosos e profundos encontros foram para mim uma maneira de encontrar Jesus. Não posso encontrar Jesus sem ser visitado por um dos meus irmãos. Obrigado, Senhor, porque caminhas connosco no caminho da vida, em tantos rostos diferentes!



### P. Robert Conroy, MC

Passaram 26 anos desde a morte de Santa Teresa de Calcutá, e nós, Missionários da Caridade, trabalhamos arduamente todos os dias para seguir o seu exemplo heroico e caritativo. No nosso serviço aos pobres, levámos a sério a injunção do Papa Francisco de «ir às periferias, que muitas vezes estão cheias de solidão, tristeza, feridas interiores e perda do gosto pela vida» (Papa Francisco, Discurso à Associação “Lazare”, 28 de agosto de 2021), porque as suas palavras refletem tão fielmente o nosso próprio carisma. Madre Teresa compreendeu que no amor não há barreiras nem limites, e que para servir Jesus, sofrendo nos mais pobres dos pobres, teremos de correr riscos e vencer os nossos medos humanos!



Na Cidade do México, supervisionamos uma cantina que distribui sopa a homens sem-abrigo, chamada “Casa Madre Teresa”, perto da Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe. Durante a pandemia, passámos de servir cerca de 75 homens por dia para quase 700 todos os dias, porque decidimos continuar a alimentar os pobres enquanto outros centros de ajuda na cidade estavam a fechar. Foi um período assustador para os sem-abrigo, porque não tinham onde procurar ajuda. No mesmo edifício, acolhemos também uma pequena comunidade de homens sem-abrigo que nos ajudam no nosso serviço, bem como alguns voluntários e vários trabalhadores permanentes. Apesar de não termos sido criados como um abrigo noturno, recebíamos periodicamente casos difíceis da rua por um ou dois dias.

Tragicamente, uma noite, um hóspede muito jovem e mentalmente instável matou um dos nossos fiéis voluntários sem qualquer razão aparente. Daniel, o nosso ajudante, tinha cerca de 50 anos e tinha dificuldades em andar, mas sentava-se no exterior, perto da mesa onde distribuíamos a comida todos os dias, e distribuía pão e uma palavra amável a cada homem. Gostava de ter um contacto pessoal com cada sem-abrigo e, inevitavelmente, arrancava um sorriso ou uma piada bem-humorada a essas almas endurecidas e feridas. Durante meses, lutámos para compreender porque é que o Senhor permitiu que esta tragédia acontecesse na nossa casa. Madre Teresa disse: «Fostes feitos para amar e para serdes amados. É por isso que é tão errado não amar. E essa é a coisa mais bela que o ser humano tem ou pode dar: Amor» (*Mother Teresa. Where There Is Love, There Is God*. Ed. Brian Kolodiejchuk, M.C. New York: Doubleday, 2010, p.8).

Daniel tocou as periferias destroçadas da humanidade todos os dias com amor e compaixão e foi uma testemunha da caridade até à morte. Que o seu exemplo nos inspire a «amar até doer».

## O exemplo de Santa Teresa do Menino Jesus

*No 150º aniversário do nascimento de Santa Teresa do Menino Jesus, aprendamos com ela a tornarmo-nos pobres em espírito, aqueles a quem Jesus chamou bem-aventurados (cf. Mt 5, 3). Aprendamos com ela que o verdadeiro pobre é aquele que vive na alegria da liberdade interior. Este sabe que nada lhe pertence, tudo recebeu como dom e, por isso, pode dispor de tudo gratuitamente. Desta pobreza brota a verdadeira esperança, porque o pobre, não tendo nada em que se apoiar, coloca toda a sua confiança unicamente em Deus. Dele espera tudo e tudo recebe como um presente de amor. Sabe distinguir o essencial do acessório, porque, na sua pobreza, aprendeu que a única coisa verdadeiramente necessária é amar e saber-se infinitamente amado.*

«Desde a minha Tomada de Hábito, tinha já recebido abundantes luzes acerca da perfeição religiosa, principalmente a respeito do voto de pobreza. Durante o meu postulante, estava contente por ter coisas agradáveis para meu uso e por encontrar à mão tudo quanto me era necessário. [...] Uma noite, depois de Completas, procurei em vão a nossa lamparina nas prateleiras onde as deixávamos. Como estávamos no silêncio rigoroso, era impossível reclamá-la... Compreendi que alguma Irmã, pensando levar a dela, tinha pegado na nossa, da qual eu tinha grande necessidade. Em vez de sentir desgosto por me ver privada dela, fiquei muito feliz, sentindo que a pobreza consiste em se ver privada, não somente das coisas agradáveis, mas mesmo das coisas indispensáveis. Assim, nas *trevas exteriores*, fui iluminada interiormente... Nessa altura apoderou-se de mim um verdadeiro amor pelos objetos mais feios e menos cômodos. Assim, foi com alegria que vi levarem-me a linda *cantarinha* da nossa cela, e porem no lugar dela um *grosseiro* cântaro, *todo esborcelado*. [...]

Ah! que paz inunda a alma, quando ela se eleva acima dos sentimentos da natureza... Não, não há alegria comparável à que saboreia o verdadeiro pobre de espírito. Se pedir com desprendimento uma coisa necessária, e se não só essa coisa lhe for recusada, mas tentarem até tirar-lhe o que tem, segue o conselho de Jesus: “Deixai também a capa àquele que vos quiser ficar com a túnica”. Deixar a capa é, parece-me, renunciar aos seus últimos direitos, é considerar-se como a serva, como a escrava dos outros. Quando se deixa a capa é mais fácil andar, correr; por isso Jesus acrescenta: “Se alguém vos obrigar a andar mil passos, andai com ele mais dois mil”. Assim, não basta dar a todo aquele que me pede, é preciso ir ao encontro dos desejos, mostrar-se muito reconhecida e muito honrada por prestar um serviço; e, se levam uma coisa do meu uso, não



devo mostrar que o lamento, mas, pelo contrário, parecer contente por me ver livre dela. Minha querida Madre, estou longe de praticar o que compreendo, mas só o desejo que tenho de o fazer dá-me paz».

(SANTA TERESA DE LISIEUX, *História de uma alma*).



«Nunca afastes de algum pobre o teu olhar»

(Tb 4,7)



## Oração inspirada na Mensagem do Santo Padre Francisco para o VII DIA MUNDIAL DOS POBRES

*Ó Senhor nosso Jesus Cristo* crucificado e ressuscitado, com alegria nos reunimos em torno da Tua Mesa para receber novamente de Ti o dom e o empenho de viver a pobreza e de servir os pobres, nos quais encontramos o Teu rosto.

Agradecemos-Te por existirem tantos homens e mulheres que vivem a dedicação e a partilha aos pobres e excluídos, prestando atenção à promoção integral da sua pessoa. O Teu Reino torna-se presente e visível neste serviço generoso e gratuito.

Ilumina as instituições públicas para que cumpram bem o seu dever, garantindo ao ser humano o direito à existência, à integridade física, aos meios indispensáveis para um nível de vida digno, o direito à segurança em caso de doença, de invalidez, de viuvez, de velhice, de desemprego.

*Ó Espírito Santo*, que nos dás o discernimento, que sob a Tua guia possamos reconhecer as verdadeiras necessidades dos nossos irmãos pobres.

Torna-nos capazes de lhes emprestar a nossa voz nas suas causas, acolhendo a misteriosa sabedoria que queres comunicar-nos através deles, filhos de Deus.

*Ó Santa Teresa do Menino Jesus*, que a tenacidade do teu amor inspire os nossos corações, ajudando-nos a não afastar o nosso olhar dos pobres e a mantê-lo sempre fixo no rosto humano e divino do Senhor Jesus Cristo.

Amém. Aleluia!



«Nunca afastes de algum pobre o teu olhar»

(Tb 4,7)



«Quando nos deparamos com um pobre,  
não podemos virar o olhar para o lado oposto,  
porque impediríamos a nós próprios  
de encontrar o rosto do Senhor Jesus»

*Franciscus*



DICASTÉRIO PARA A EVANGELIZAÇÃO

SECÇÃO PARA AS QUESTÕES FUNDAMENTAIS  
DA EVANGELIZAÇÃO NO MUNDO

<http://www.evangelizatio.va/>